

Ana Sofia Pinto e Marta Rocha – *O projeto do século XVIII do Palácio Real da Ajuda: dois desenhos de arquitetura* História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 1. 2023. 96-114
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1e2

O projeto do século XVIII do Palácio Real da Ajuda: dois desenhos de arquitetura

The 18th century project of the Royal Palace of Ajuda: two architectural drawings

Le Projet du 18^e siècle du Palais Royal d’Ajuda: deux dessins d’architecture

El diseño del siglo XVIII del Palacio Real de Ajuda: dos dibujos de arquitectura

Ana Sofia Pinto
CEAU-FAUP
anasomapi@sapo.pt

Marta Rocha
CEAU-FAUP
mrocha@arq.up.pt

Resumo: O Palácio Real da Ajuda, uma das principais residências régias portuguesas durante o século XIX, tem um historial construtivo complexo e longo, apenas dado por terminado recentemente, no ano de 2021. Pouco se sabe sobre o projeto setecentista e original do palácio, da autoria do arquiteto barroco português Manuel Caetano de Sousa. Contudo, o contacto em 2022 com dois alçados do Palácio Real da Ajuda, elaborados numa linguagem muito distante do neoclássico que marcaria a obra do palácio a partir de 1802, semeia a possibilidade de se estar perante dois dos desenhos perdidos de Manuel Caetano de Sousa realizados nos últimos anos do século XVIII, hipótese que aqui se procurará provar.

Palavras-chave: Palácio Real da Ajuda; Manuel Caetano de Sousa; alçados; séc. XVIII.

Abstract: The Royal Palace of Ajuda, one of the main Portuguese royal residences during the 19th century, has a complex and long construction history, only recently completed, in 2021. Little is known about the palace’s original 18th century project, designed by the Portuguese baroque architect Manuel Caetano de Sousa. However, the contact in 2022, in a Portuguese archive, with two elevations of the Royal Palace of Ajuda depicting a language far removed from the neoclassical that would mark the work of the palace after 1802, plants the possibility of being faced with two of the missing drawings of Manuel Caetano de Sousa, made in the last years of the 18th century, a hypothesis that one will try to prove.

Keywords: Royal Palace of Ajuda; Manuel Caetano de Sousa; façades; 18th century.

Résumé: Le Palais Royal d’Ajuda, l’une des principales résidences royales portugaises au 19^e siècle, a une histoire de construction complexe et longue, achevée récemment, en 2021. La conception originale du palais aux 18^e siècle, conçue par l’architecte baroque portugais Manuel Caetano de Sousa, n’est pas très connu. Cependant, le contact en 2022, dans une archive portugaise, avec deux élévations du Palais Royal d’Ajuda élaborées dans un langage très éloigné du néoclassique qui marquera les travaux du palais à partir de 1802, soulève la possibilité d’être devant deux des dessins manquants de Manuel Caetano de Sousa, réalisés dans les dernières années du 18^e siècle, hypothèse que l’on tentera de prouver.

Mots-clés: Palais Royal d’Ajuda; Manuel Caetano de Sousa; élévations; 18^e siècle.

Resumen: El Palacio Real de Ajuda, una de las principales residencias reales portuguesas durante el siglo XIX, tiene una larga y compleja historia de construcción, solo recién terminada en 2021. Poco se sabe sobre el proyecto original del siglo XVIII del palacio, diseñado por el arquitecto barroco portugués Manuel Caetano de Sousa. Sin embargo, el contacto en 2022, en un archivo portugués, con dos alzados del Palacio Real da Ajuda elaborados en un lenguaje muy alejado del neoclásico que marcaría la obra del palacio a partir de 1802, plantea la posibilidad de encontrarse ante dos de los dibujos perdidos de Manuel Caetano de Sousa realizados en los últimos años del siglo XVIII, hipótesis que se intentará probar.

Palabras clave: Palacio Real de Ajuda; Manuel Caetano de Sousa; alzados, siglo XVIII.

Um palácio em conflito

O Palácio Real da Ajuda, em Lisboa, parece ter como impulsionador maior da sua génese o infortúnio. A corte, que desde o final do século XV habitava o Paço da Ribeira implantado junto ao rio Tejo, assistiu no ano de 1755 à destruição desta sua real casa quando, a 1 de novembro, um terramoto seguido de um marmoto assolaram Lisboa e espalharam um rasto de destruição. D. José¹ (1714-1777), monarca à época, e a restante Família Real portuguesa sobreviveram à tragédia por não se encontrarem na área afetada, mas sim na zona ocidental da cidade, em Belém. O receio de nova catástrofe natural levou a que fossem tomadas atitudes preventivas na implantação da nova habitação régia, tendo para isso sido escolhida a zona da Ajuda, uma área elevada e desafogada onde, e porventura também devido à morfologia dos solos, as consequências do terramoto não se haviam feito sentir com a mesma intensidade.

D. José – que com os acontecimentos de 1755 parece ter adquirido uma aversão a edifícios monumentais de alvenaria² – decidiu, por conseguinte, mandar edificar no alto da Ajuda um palácio em madeira que viria a ficar vulgarmente conhecido como Real Barraca³. Este edifício da autoria do arquiteto bolonhês Giovanni Carlo da Bibiena⁴ (1717-1760), habitado desde 1756 (Abecassis, 2009: 20), viria também ele a conhecer um fim trágico quando, em 1794, o deflagrar de um incêndio destruiu irremediavelmente o construído e grande parte do seu valioso espólio⁵.

O desaparecimento do Paço de Madeira, isto já durante o reinado de D. Maria I⁶ (1734-1816), deu o mote para a construção de um novo palácio, desta vez em alvenaria de pedra, a ser implantado no mesmo local do volume ardido. Para esse efeito foi

¹ D. José ocupou o trono português como Rei de Portugal e dos Algarves entre os anos de 1750 e 1777.

² Esta dedução advém de uma carta redigida por Maria Victória de Bourbon, esposa de D. José, à sua mãe, na qual informa “Quelques uns disent au Roy de sans aler a Mafra ou le Palais na point soufert mais il ne veut pas parce quil ne juge pas apropos pour le present de s’eloigner tant de Lisbonne et aussi il a peur de se metre dans un batiment si grande et si haut”. (Beirão, 1956: 39)

³ A análise do desenho representativo do piso térreo deste Paço de Madeira permite verificar que, apesar da nomenclatura atribuída, existiam espaços construídos em alvenaria, como aquele da cozinha real.

⁴ Giovanni Carlo da Bibiena tinha já sido o responsável pela obra da Real Ópera do Tejo, também comissionada por D. José.

⁵ Este incêndio, aliás, não terá sido o primeiro digno de nota, já que existe o registo de ter deflagrado um outro alguns anos antes, em 1787.

⁶ D. Maria I ocupou o trono português como Rainha de Portugal e dos Algarves entre os anos de 1777 e 1815 e como Rainha do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves entre 1815 e 1816.

Ana Sofia Pinto e Marta Rocha – *O projeto do século XVIII do Palácio Real da Ajuda: dois desenhos de arquitetura* História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1. 2023. 96-114
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1e2

encarregue do monumental projeto o arquiteto e engenheiro Manuel Caetano de Sousa (1738-1802), filho de Caetano Tomás de Sousa, Mestre Empreiteiro da Real Obra de Mafra e Mestre Arquiteto⁷.

O carácter da arquitectura que Manuel Caetano de Sousa viria a desenvolver ao longo da sua carreira – que culminaria, em 1792, no cargo de Arquiteto Geral das Obras Públicas responsável pela empreitada da Ajuda, na sequência de outras obras comissionadas pela corte⁸ –, era de tradição tardo barroca, figurando um pensamento estético herdado de Johann Friedrich Ludwig⁹ (1673-1752) e que na década de 1790 começava já a ser questionado em território português por figuras como as dos arquitetos José da Costa e Silva¹⁰ (1747-1819) e Francisco Xavier Fabri¹¹ (1761-1817), ambos formados na Academia Clementina de Bolonha.

⁷ Nas palavras de Susana Pinheiro, autora de um trabalho de investigação em torno da figura de Manuel Caetano de Sousa “(...) é certo que terá colaborado com seu pai nas reparações das Necessidades, construção da igreja de S. José dos Carpinteiros e Hospital Real (...). Dele recebeu também os ensinamentos que Caetano Tomás bebeu em Mafra, e de facto iria ao longo da sua vida, acusar a influência paterna e ao mesmo tempo da imensa mole mafrense (...)”. (Pinheiro, 1989: 29).

⁸ Manuel Caetano de Sousa foi o responsável, entre outras, pelas obras de restauro do celeiro e do interior do Paço de Samora Correia (1780), de diversas casas e cavalaria pertencentes ao Paço de Salvaterra de Magos (1780), de diversos compartimentos do Palácio de Queluz (1785-1787) e das cavalaria do Paço das Caldas da Rainha (1786).

⁹ Johann Friedrich Ludwig (João Frederico Ludovice, como ficou conhecido em Portugal) foi um arquiteto e ourives nascido na Alemanha que viveu em Itália e, mais tarde, em Portugal, onde se consagrou como fundamental no delinear da corrente estética que marcaria a cidade de Lisboa do seu tempo através de uma visão italianizante do barroco. Foi o responsável, entre outras obras, pela edificação do Convento de Mafra comissionado por D. João V (1689-1750).

¹⁰ José da Costa e Silva, nascido em Vila Franca de Xira, partiu para Bolonha aos 22 anos, em 1769. Nesta cidade frequentou a Academia Clementina, onde “Eram professores desta geração os arquitetos formados num maior rigor ‘serliano’, numa recuperação formal da gramática quinhentista e dos primórdios do seiscentismo (...)”. (Carvalho, 1979: 76 e 77). Após o seu regresso a Portugal, no ano de 1779, tornou-se professor da Aula Pública de Arquitectura, por nomeação régia e teve a seu cargo diversos projetos de renome, entre os quais o do edifício para o Erário Régio (não construído), do Teatro Nacional de S. Carlos, do Real Asilo de Runa e do Paço Real da Ajuda. Viria a falecer no Brasil, para onde se tinha mudado em 1812 a convite do Príncipe Regente D. João. (Teixeira, 2012: 517).

¹¹ Francisco Xavier Fabri nasceu na cidade italiana de Medicina tendo, tal como José da Costa e Silva, frequentado a Academia Clementina de Bolonha, onde estudou entre 1782 e 1789. O contacto com o Bispo do Algarve, Francisco Gomes de Avelar (1739-1816), desencadeou a sua vinda para Portugal, onde terá chegado em 1790. Por todo o Algarve, o arquiteto bolonhês foi encarregue, pelo Bispo seu protetor, dos projetos de reconstrução de diversas ermidas e altares destruídos pelo terramoto de 1755. Já em Lisboa teve a seu cargo, entre outros, os projetos de remodelação da fachada do Palácio dos Castelo-Melhor, do Hospital Real da Marinha e, em colaboração com José da Costa Silva – com quem partilhava o gosto pela estética neoclássica –, do Paço Real da Ajuda. (Carvalho, 1979: 135 e 136).

Ana Sofia Pinto e Marta Rocha – *O projeto do século XVIII do Palácio Real da Ajuda: dois desenhos de arquitetura* História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 1. 2023. 96-114
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1e2

Apesar de a Manuel Caetano de Sousa ter sido entregue a direção e superintendência da obra da Ajuda em 1795, com a primeira pedra a ser colocada a 9 de novembro desse mesmo ano, e os trabalhos a terem início em 1796 (Dias, 1994: 6), um crescente clima de desassossego face ao arquiteto fazia-se sentir na corte. A nomeação de D. Rodrigo de Sousa Coutinho (1755-1812) como Presidente do Real Erário após o seu regresso a Portugal em 1796 – no seguimento de uma estadia de vários anos em Itália – e o facto deste, à semelhança do que fez o Conde de Óbidos (1745-1806)¹² para com Francisco Xavier Fabri, ter tomado como seu protegido José da Costa e Silva, parecem ter contribuído para a aceleração do processo de afastamento do arquiteto barroco da obra da Ajuda.

Em 1801, e tendo por base os desenhos de Manuel Caetano de Sousa, são solicitados pareceres por parte de D. Rodrigo de Sousa Coutinho (Presidente do Erário Régio), e do Marquês de Ponte de Lima (Inspetor das Obras Públicas), à dupla de jovens arquitetos sobre o projeto que se encontrava em execução. As críticas acérrimas apresentadas por José da Costa e Silva e Francisco Xavier Fabri em janeiro de 1802, essencialmente de foro estético, catapultaram a decisão do Príncipe Regente D. João¹³ (1767-1826) de prescindir de Manuel Caetano de Sousa. Daí em diante, como parecia vir-se já a congeminar no seio da corte, a dupla de arquitetos de formação italiana, defensora da depurada arquitetura e do clássico, foi encarregue da continuação da obra do Palácio Real da Ajuda, tendo alcançado o tão disputado cargo de Arquitetos Gerais das Obras Públicas pouco tempo depois (Carvalho, 1979: 58).

O projeto tardo barroco do Palácio Real da Ajuda: dois alçados

A esmagadora maioria dos desenhos relativos à obra do Palácio Real da Ajuda, espalhados por diversas unidades arquivísticas e encontrados até ao momento, dizem respeito à sucessão de alterações projetuais iniciada em 1802. Contactou-se, até ao momento, somente com um desenho de autoria presumível de Manuel Caetano de Sousa,

¹² O 4.º Conde de Óbidos, José Maria de Assis Mascarenhas tinha como genro Tomás José Xavier de Lima (1779-1822), 2.º Marquês de Ponte de Lima e, à época, Inspetor Geral das Obras Públicas.

¹³ D. João foi Príncipe Regente de Portugal e dos Algarves entre os anos de 1799 e 1816, tendo vindo a assumir o trono português como D. João VI entre 1816 e 1822.

Ana Sofia Pinto e Marta Rocha – *O projeto do século XVIII do Palácio Real da Ajuda: dois desenhos de arquitetura* História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1. 2023. 96-114
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1e2

possivelmente do projeto da Ajuda, no Volume II da Tese de Doutoramento de José de Monterroso Teixeira, intitulada *José da Costa e Silva (1747-1819) e a receção do neoclassicismo em Portugal: a clivagem de discurso e a prática arquitetónica* (Teixeira, 2012: 134). Este desenho (figura 1a), uma secção parcial patente na Biblioteca Nacional Digital do Brasil, parece representar dois pátios, um saguão e, em secção, um volume de aparente importância para o edifício, com a sua escadaria. Não se compreende, contudo, a que percentagem do volume total corresponde a parcela ilustrada neste desenho. A tratar-se do Palácio Real da Ajuda é de estranhar que não se encontre representado em secção o volume nascente, já que haveria a intenção, por parte do Príncipe Regente, de manter a entrada a leste como meio de ingresso principal no palácio, tal como já acontecia na Real Barraca. Poderá dar-se também o caso de estar ilustrado metade do volume total do palácio (figura 1b). Contudo, a ser verdade, e apesar de simétrico, estaria a ser proposto um palácio com um comprimento que se entende exagerado, principalmente quando comparado com o proposto por José da Costa e Silva em 1802 (figura 1c).

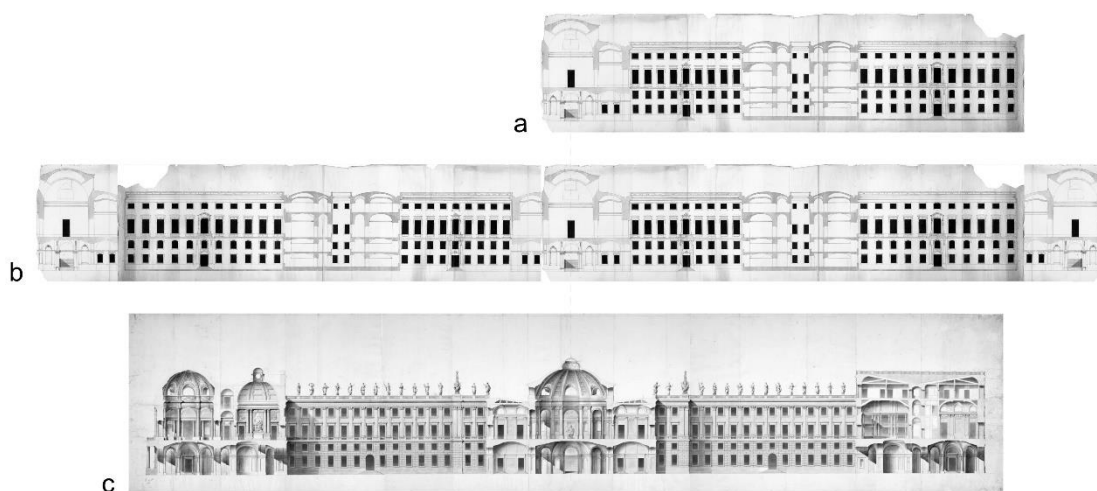


Figura 1. Estudo comparativo de dimensões, a uma mesma escala, de três desenhos:

a. Secção parcial de edifício, autoria presumível de Manuel Caetano de Sousa, datação presumível de 1795. Fonte: Cortesia da © Biblioteca Nacional Digital do Brasil, CDD 725, ARC.29.1.4(12). Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon688600/icon688600.jpg. Acesso em: 4 mar. 2023.

b. Montagem, pela autora, da secção supramencionada de acordo com a hipótese de esta representar aproximadamente metade do comprimento total do edifício. Fonte: Cortesia da © Biblioteca Nacional Digital do Brasil, CDD 725, ARC.29.1.4(12). Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon688600/icon688600.jpg. Acesso em: 4 mar. 2023.

Ana Sofia Pinto e Marta Rocha – *O projeto do século XVIII do Palácio Real da Ajuda: dois desenhos de arquitetura* História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 1. 2023. 96-114
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1e2

c. Secção longitudinal proposta para o Palácio Real da Ajuda, autoria atribuída a José da Costa e Silva, 1802. Fonte: Cortesia da © DGPC, número de inventário 51857 DIG, BA.7519 (A,B,C).

Para além da possibilidade levantada por esta representação encontrada além-mar (figura 1a), e sobre a proposta de Manuel Caetano de Sousa, chegaram até aos nossos dias os pareceres críticos de José da Costa e Silva e de Francisco Xavier Fabri, solicitados em 1801 e redigidos em janeiro de 1802. As considerações escritas por estes arquitetos, responsáveis pelo afastamento de Manuel Caetano de Sousa da obra do Palácio Real da Ajuda, estão guardadas na Academia de Ciências de Lisboa¹⁴ e permitem construir, principalmente através das palavras de José da Costa e Silva, uma imagem mais ou menos precisa das opções volumétricas e estéticas do primeiro arquiteto. Contudo, a relevância destes pareceres críticos para o entendimento do projeto original barroco é limitada, visto até ao momento não terem sido identificados os desenhos que suportaram tais palavras¹⁵. Será no seguimento do contacto com o conteúdo destes pareceres que se tornou plausível a hipótese de existir uma correspondência entre as palavras de José da Costa e Silva escritas em 1802 e dois desenhos guardados no Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA) encontrados em 2022 (figura 2). Estes – por nós identificados como propostas barrocas para os alçados nascente e sul do Palácio Real da Ajuda – suscitaram interesse dado refletirem um pensamento estético acerrimamente barroco¹⁶,

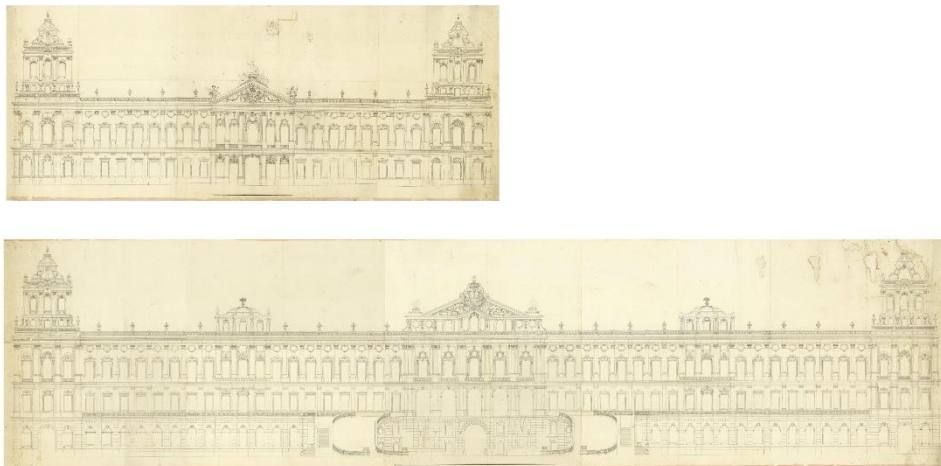
¹⁴ Academia de Ciências de Lisboa, manuscrito vermelho n.º 484. Ainda que neste documento constem os pareceres de ambos os arquitetos, no seguimento deste artigo explora-se e cita-se somente a parte da autoria de José da Costa e Silva.

¹⁵ A procura por uma anterior identificação e exploração destes desenhos percorreu, para além dos trabalhos anotados na bibliografia deste artigo, 1. as obras editadas *Descrição das Novas Salas no Real Palacio da Ajuda: Obras Mandadas Executar por sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia de Sabóia Nos seus Reaes Aposentos* de Possidónio da Silva (1865), *Belém e Arredores Através dos Tempos* de José Dias Sanches (1940), *O Paço da Ajuda* de Francisco Câncio (1955), *O Palácio Nacional da Ajuda: Resenha Histórica* de Gustavo de Matos Sequeira (1961), *Palácio Nacional da Ajuda. Roteiro* de Manuel Zagallo (1961), *O Palácio Nacional da Ajuda e a sua afirmação como Museu* de Luís Filipe Soares (2019), 2. as Dissertações de Mestrado *Palácio Nacional da Ajuda. Contexto e Transcrição de Escala* de Guilherme Pedrosa (Universidade de Lisboa, 2015), *A Real Barraca. Mapeamento e reconstituição históricos* de Diogo Fernandes (Universidade de Coimbra, 2019) e 3. a Tese de Doutoramento *Teatro real de la Ópera del Tajo (1752-1755)* de Pedro Miguel Januário (Universidade Politécnica de Madrid, 2008).

¹⁶ Estes alçados possuem características estéticas em comum com obras anteriores de arquitetura barroca prussiana – composição da fachada este do Neues Palais, em Potsdam, residência de verão edificada entre 1763 e 1769 –, ou até italiana – aplicação do claro-escuro na fachada principal da Basílica de Sant’Andrea della Valle, em Roma, terminada em 1663 segundo projeto de Carlo Rainaldi (1611-1691). Interessantemente, é Johann Friedrich Ludwig que sintetiza, na obra do Convento de Mafra – que se

Ana Sofia Pinto e Marta Rocha – *O projeto do século XVIII do Palácio Real da Ajuda: dois desenhos de arquitetura* História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 1. 2023. 96-114
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1e2

distinto daquele que regulou as demais propostas de frontarias para o Palácio Real da Ajuda encontradas no Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT), no SIPA e na



Biblioteca da Ajuda (BA).

Figura 2. Propostas barrocas para os alçados nascente (em cima) e sul (em baixo) do Palácio Real da Ajuda, autoria presumível de Manuel Caetano de Sousa, datação presumível de 1795, encontradas no SIPA, de acordo com a hipótese das autoras. Fonte: Cortesia da © DGPC/SIPA, cotas DES.00053927 e DES.00053925.

O primeiro passo na análise destas duas propostas barrocas de alçados foi o de estudar a sua escala gráfica de forma a poder fazer-se o seu redimensionamento e, assim, confrontar as suas dimensões reais (comprimento e altura) com as descritas por José da Costa e Silva. Para tal utilizaram-se como referência duas plantas do Convento de Mafra da autoria de Amâncio Jozé Henriques, datadas de 1827 onde, para além de um “Petipé de Palmos”, isto é, de uma grelha que explicita a dimensão do desenho em palmos, existe uma escala gráfica em metros¹⁷. Esta correspondência gráfica de dimensões entre palmos e metros – ainda que aproximada, como indica o desenho –, e a clareza da digitalização destas plantas pelo ANTT, foram essenciais ao escalar dos dois alçados recolhidos no SIPA. Depois de redimensionados, tornou-se finalmente possível analisar o seu conteúdo à luz do descrito por José da Costa e Silva.

reconhece ter grandemente influenciado Manuel Caetano de Sousa – “componentes romanas com germanas, elaborando um estilo típico do alto barroco”. (Pinheiro, 1989: 17).

¹⁷ Ambas as plantas do Convento de Mafra estão patentes no Fundo da Casa Real do ANTT com os códigos de referência PT/TT/CR/007/007/00202 e PT/TT/CR/007/007/00203.

Ana Sofia Pinto e Marta Rocha – *O projeto do século XVIII do Palácio Real da Ajuda: dois desenhos de arquitetura* História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 1. 2023. 96-114
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1e2

No seu discurso crítico, o arquiteto começa por focar o alçado nascente,

“(…) que fica para a parte de Lisboa pois nella he que se acha o principal ingresso ao Palacio. Tem esta Fronteria, por quanto se pode julgar pelos desenhos, 594 palmos de comprimento. Fica dividida em diferentes corpos, o que he bem pensado (…)” (Costa e Silva, 1802: fl. 4)¹⁸.

A análise do comprimento do alçado nascente da proposta barroca¹⁹ permite aferir que este mede cerca de 596 palmos de comprimento (aproximadamente 131 metros), uma dimensão muito aproximada daquela referida por José da Costa e Silva (figura 3).

O arquiteto continua, referindo-se de seguida à marcação da entrada no alçado nascente:

“Esta parte inferior a vejo repartida em cinco intercolumnios de ordem dorica, sendo o do meio mais largo (...). Porem acho, que esta largura differe muito das outras, e tanto que excede quasi do dobro a cada huma dellas, de maneira que desta mal entendida disposição segue-se, que as duas portas lateraes menores ficão sendo excessivamente estreitas à proporção da altura que tem.” (Costa e Silva, 1802: fl. 4)

O alçado nascente encontrado revela, efetivamente, uma marcação do momento da entrada através de um conjunto de cinco intercolúnios, sendo o central mais alto e mais largo. Uma análise geométrica permite aferir que a largura do intercolúnio central é 1,8 ($1 + 4/5$) vezes maior – quase o dobro – que aquela dos vãos que o ladeiam. A unidade de medida utilizada corresponde à largura destes vãos laterais e encontra-se identificada na figura 4a, aproximando-se esta do valor de dez palmos. Por sua vez, e no que concerne a razão entre a altura e a largura destes vãos laterais, denota-se a utilização de uma proporção de 1 para 2,7 ($1 + 1 + 4/6$) (figura 4a). Nos projetos seguintes para esta frontaria, isto é, aqueles delineados após 1802 (figuras 4b e 4c) em linguagem neoclássica, é perceptível a utilização de uma proporção aproximada de 1 para 2 nos intercolúnios do momento da entrada (que passaram de cinco para três), o que confere uma harmonia de dimensões distinta da visível na proposta barroca.

¹⁸ Visto esta citação e as demais deste arquiteto no seguimento deste artigo serem referentes a uma obra manuscrita não paginada, localiza-se o material citado através do número da folha em que foi redigido.

¹⁹ Há que ter em conta que existe uma margem de erro que se acredita advinda do processo de reprodução digital destes desenhos, que foram digitalizados e/ou fotografados.

Ana Sofia Pinto e Marta Rocha – *O projeto do século XVIII do Palácio Real da Ajuda: dois desenhos de arquitetura* História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 1. 2023. 96-114
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1e2

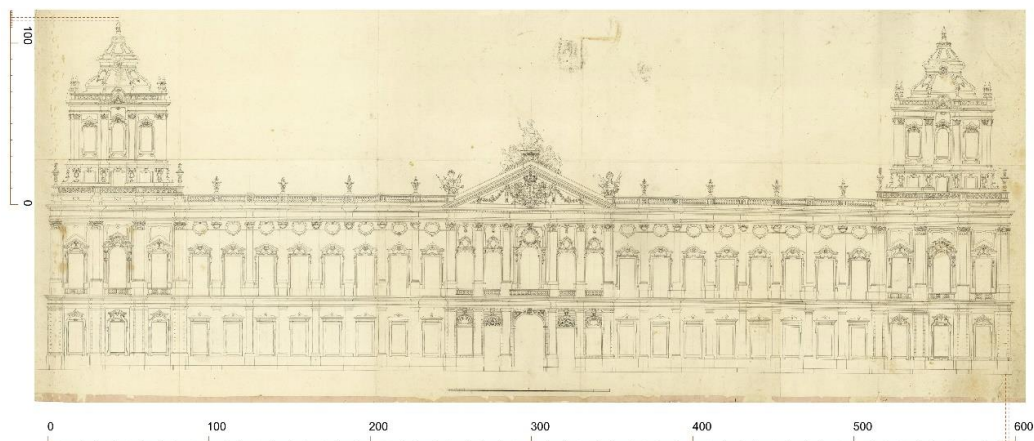


Figura 3. Estudo das dimensões (comprimento e altura em palmos) da proposta barroca para o alçado nascente do Palácio Real da Ajuda, autoria presumível de Manuel Caetano de Sousa, datação presumível de 1795. Fonte: Cortesia da © DGPC/SIPA, cota DES.00053927.

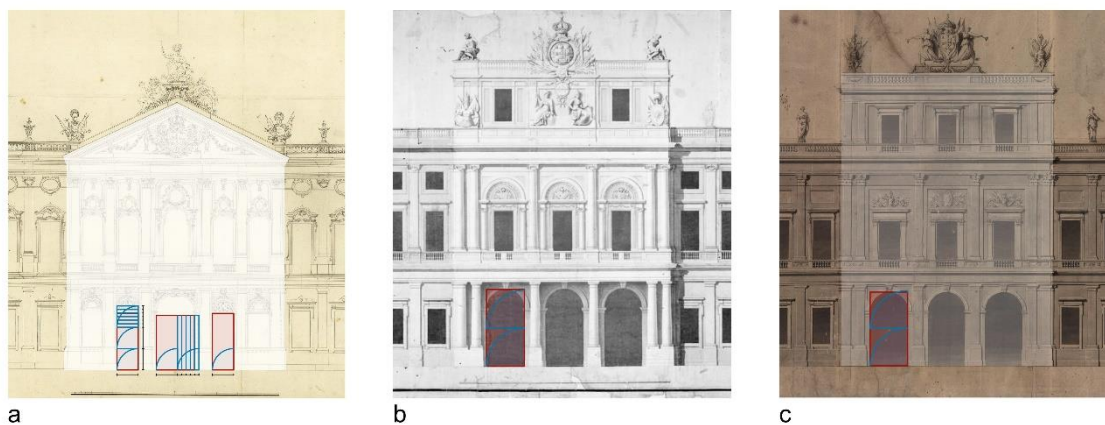


Figura 4. Estudo comparativo, a uma mesma escala, de excertos de três desenhos:

a. Proposta barroca para o alçado nascente do Palácio Real da Ajuda, autoria presumível de Manuel Caetano de Sousa, datação presumível de 1795. Fonte: Cortesia da © DGPC/SIPA, cota DES.00053927.

b. Proposta para o alçado nascente do Palácio Real da Ajuda, autoria atribuída a José da Costa e Silva, 1802. Fonte: Cortesia da © DGPC, número de inventário 51858 DIG, BA.7517 (A,B).

c. Proposta para o alçado nascente do Palácio Real da Ajuda, autoria desconhecida, sem datação. Fonte: Cortesia da © DGLAB/ANTT, “Imagem cedida pelo ANTT”, Ministério do Reino, Coleção de Plantas do ex-A.H.M.FL., cx. 5269, n.º 42, PT/TT/MR/2/P-5269-42.

Ana Sofia Pinto e Marta Rocha – *O projeto do século XVIII do Palácio Real da Ajuda: dois desenhos de arquitetura* História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n.º 1. 2023. 96-114
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1e2

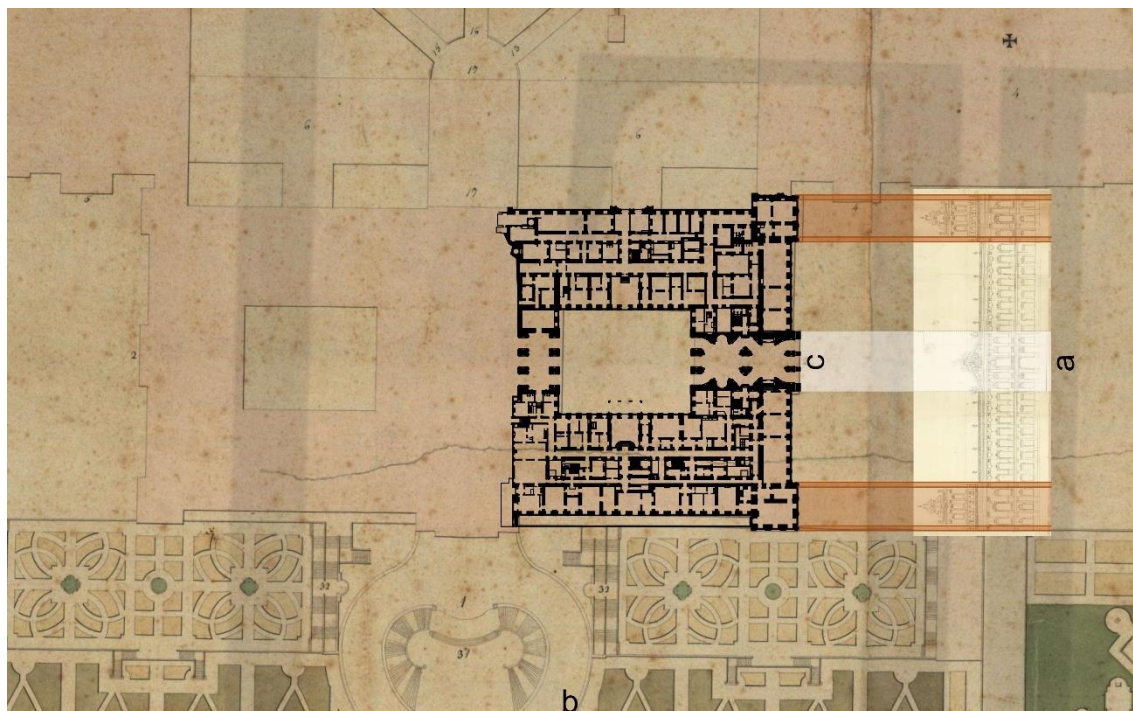


Figura 5. Sobreposição de três desenhos, a uma mesma escala, para estudo comparativo das suas dimensões:

a. Proposta barroca para o alçado nascente do Palácio Real da Ajuda, autoria presumível de Manuel Caetano de Sousa, datação presumível de 1795. Fonte: Cortesia da © DGLAB/ANTT, “Imagem cedida pelo ANTT”, Ministério do Reino, Coleção de Plantas do ex-A.H.M.FL., cx. 5269, n.º 42, PT/TT/MR/2/P-5269-42.

b. Excerto da *Planta Geral do Real Palácio d’Ajuda, e mais Edifícios que lhe fazem união como Jardins, Praças e Estradas principaes que determinão huma grandioza e bem servida comunicação. Projectada pelo Architecto, Antonio Francisco Rosa, em o Anno de 1818*, cópia de Ignacio Joze de Souza, 1821. Fonte: Cortesia da © DGLAB/ANTT, “Imagem cedida pelo ANTT”, Casa Real, Plantas, Almojarifado da Ajuda, n.º 53, PT/TT/CR/007-001/00053.

c. Desenho do construído em 1903 elaborado pela autora, tendo por base a *Planta do Pavimento Térreo*, de J. A. d’Abreu Victal, 1903, patente no ANTT em Casa Real, Plantas, Almojarifado da Ajuda, n.º 69, PT/TT/CR/007-001/00069.

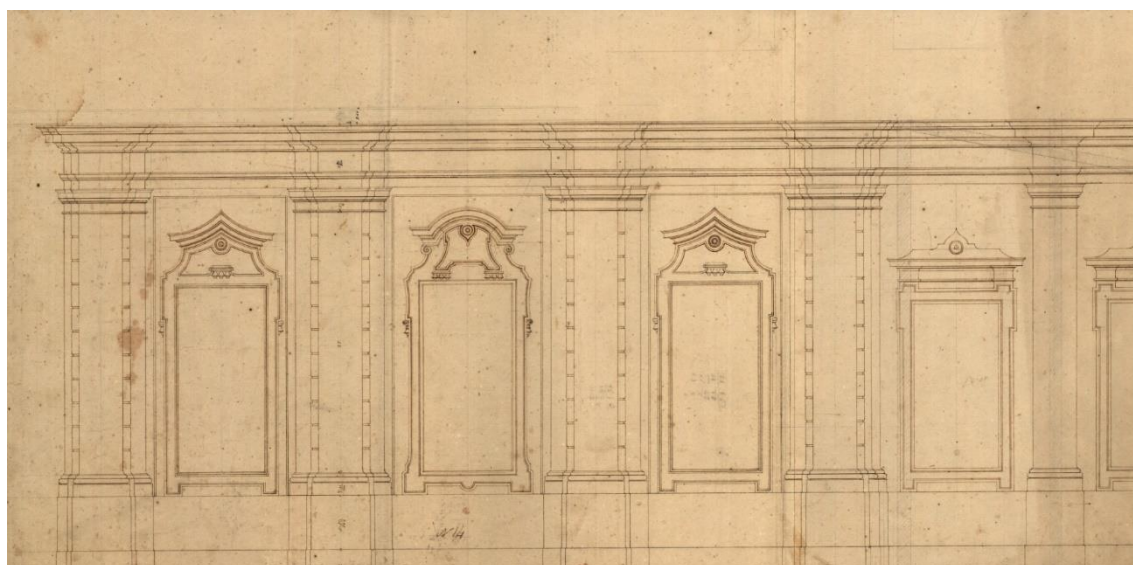


Figura 6. Desenho do arranque, ao nível do piso térreo, do corpo sobre o qual se presume erguer o torreão sudeste, autoria desconhecida, sem datação. Fonte: Cortesia da © DGLAB/ANTT, “Imagem cedida pelo ANTT”, Ministério do Reino, Coleção de Plantas do ex-A.H.M.FL., cx. 5269, n.º 35, PT/TT/MR/2/P-5269-35.

Ana Sofia Pinto e Marta Rocha – *O projeto do século XVIII do Palácio Real da Ajuda: dois desenhos de arquitetura* História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1. 2023. 96-114
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1e2

Depois de tecer algumas considerações sobre a ornamentação dos dois corpos “que de huma parte, e outra acompanhão o do meio” (Costa e Silva, 1802: fl. 4), José da Costa e Silva vai debater-se com os “dous corpos extremos, sobre os quaes assentão os torreões” (Costa e Silva, 1802: fl. 4 e fl. 4 verso). Nestes, chama a atenção para aquele que é, a seu ver, um uso excessivo de “pilastrinhas” e “contra-pilastrinhas”, responsável por conferir ao edifício um aspeto de fraqueza estrutural. Aponta, ainda, defeitos à cimalha e aos seus “tantos ressaltos”, concluindo esta parte da sua crítica com a constatação de que “Porem toda esta parte do edificio (...) esta já construida; e quando se lhe quisesse dar remedio, seria cousa summamente difficultosa.” (Costa e Silva, 1802: fl. 5). Efetivamente, e ao compararem-se as medidas gerais da proposta barroca para o alçado nascente do Palácio Real da Ajuda – que incluem as dimensões do momento central da entrada e dos arranques dos dois torreões a nascente –, constata-se que existe uma correspondência entre o alçado encontrado (figura 5a), a representação em planta da volumetria geral do palácio após 1802 (figura 5b) e o que se achava construído no início do século XX (figura 5c). Verifica-se, por conseguinte, que na continuidade da obra da Ajuda prevaleceram o bom senso e o pragmatismo económico, visto não se terem alterado as dimensões da implantação do palácio após o abandono do projeto barroco. Tal deveu-se, em grande parte, e como anteriormente referido, à abordagem de José da Costa e Silva que foi capaz de absorver, pelo menos parcialmente, o que já estava edificado e integrá-lo num conjunto neoclássico coerente, aprazível e orçamentalmente mais sensato. A figura 6 poderá representar, assim, um levantamento do construído que visava estudar as possibilidades da sua integração num conjunto de arquitetura neoclássica²⁰. Simultaneamente deve equacionar-se, contudo, que também poderá ilustrar um estudo realizado aquando da permanência de Manuel Caetano de Sousa na obra da Ajuda, visto não informar para o uso de outra linguagem que não a do barroco.

Ainda sobre a proposta barroca para o alçado nascente, mas debruçando-se agora sobre o piso nobre, a crítica continua:

²⁰ Interessantemente, se se visitar o Palácio Real da Ajuda nos dias de hoje, e se atentar na sua fachada nascente, é possível distinguir sobre a moldura superior das janelas do piso térreo marcas condizentes com a geometria das formas decorativas propostas por Manuel Caetano de Sousa para encimar estes vãos. É possível, portanto, que todo o alçado barroco estivesse já concluído à data de 1802 e tenha cabido aos arquitetos neoclássicos o retirar destes ornamentos da fachada, numa tentativa de depurar a sua arquitetura e melhor integrar este piso no conjunto neoclássico que se vinha a propor, como representado na figura 4b.

Ana Sofia Pinto e Marta Rocha – *O projeto do século XVIII do Palácio Real da Ajuda: dois desenhos de arquitetura* História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1. 2023. 96-114
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1e2

“No corpo do meio a mesma irregularidade dos intercolumnios, que apontei a respeito do plano inferior, aqui se faz mais visível, porque se vê quanto os maciços de parede, que acompanham a janella do meio, excedem aos outros das janellas lateraes. Tem disto os capiteis das columnas, que ornão este corpo (...) parecem indicar a ordem composita. Mas hum salto do dorico ao composito, deixando fora as ordens intermedias, he hum salto, que não será approved por nenhum bom author de Architectura. Também não julgo bem feito, que as cinco janellas deste corpo tenham a luz mais alta do que as outras dos corpos lateraes, devendo em hum edificio bem ordenado todas as linhas horizontais (...), correr ao mesmo nível, e não humas abaixo, e outras acima (...).” (Costa e Silva, 1802: fl. 5 e fl. 5 verso)

De acordo com a proposta barroca, parece certa a utilização da ordem compósita nos capitéis do piso nobre, sendo igualmente inquestionável que os cinco vãos do corpo central da entrada são mais altos do que os oito que os ladeiam simetricamente à esquerda e à direita. Verifica-se, de igual forma, que não existe correspondência altimétrica entre estes cinco vãos de exceção e os três que, em cada torreão, compõem o piso nobre (figura 3).

No seguimento do seu comentário, e de volta ao volume da entrada, o arquiteto chama a atenção para a sobreposição das ordens dórica e compósita através do alinhamento das colunas e da forma como estas recortam a cimalha. O ruído visual resultante destes diversos recortes parece ter sido empregue por Manuel Caetano de Sousa, com especial ímpeto, nesta sua proposta para a Ajuda. Outras obras da responsabilidade deste arquiteto, como as da Igreja da Encarnação²¹ e da Capela do Palácio da Bemposta²², demonstram um uso claramente mais contido desta opção estética nas suas fachadas principais.

José da Costa e Silva – e após novas condenações aos diversos ornamentos desenhados, que na sua opinião não seriam aprovados por aqueles que ensinam a boa arquitetura – refere a existência de óculos por cima das janelas do piso nobre. Esta opção é entendida como originadora de um desenho não harmonioso, sendo até considerada indecente, já que revelava abertamente a existência de aposentos “sobre os quartos das Pessoas Reaes” (Costa e Silva, 1802: fl. 6). Na sua proposta para este mesmo alçado (figura 4b), todavia, o arquiteto neoclássico idealiza a abertura de pequenos vãos por cima

²¹ A obra da Igreja da Encarnação, destruída com o terramoto de 1755, iniciou-se em 1768 e terá sido dada como concluída em 1873. (Pinheiro, 1989: 61).

²² A obra da Capela do Palácio da Bemposta, também danificada pelo terramoto de 1755, contou com a participação de Manuel Caetano de Sousa a partir do ano de 1786, tendo sido finalizada em 1793. (Pinheiro, 1989: 70).

Ana Sofia Pinto e Marta Rocha – *O projeto do século XVIII do Palácio Real da Ajuda: dois desenhos de arquitetura* História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 1. 2023. 96-114
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1e2

das janelas do piso nobre. Apesar de ser utilizada uma geometria depurada, esta alternativa aos óculos propostos por Manuel Caetano de Sousa não deixa de desvendar, de igual forma, a existência de divisões no mezanino do andar nobre, por cima dos aposentos reais, algo que havia sido tão criticado.

No fecho das considerações sobre esta proposta barroca para o alçado nascente, José da Costa e Silva termina com uma menção à parte dos torreões que se ergue acima do nível dos terraços:

“Estas partes, da cimalha para cima, ellevão-se ao alto 116 palmos altura que me parece muito excedente em resão e respeito às grossuras das paredes, que as sustentão. He cousa digna de observação a disposição dos torreões, cahindo os grossos das paredes angulares sobre o vasio das janelas, que ficão debaixo (...). Do mesmo modo offende a mesma solidez, que as columnas, e pilastras, que ornão este corpo, mostrem de se assentarem sobre represas, cousa que certamente, he condemnada pelos bons Authores. Não basta que hum edificio bem regulado seja realmente solido, he preciso tambem, que tal se deixe ver (...).” (Costa e Silva, 1802: fl. 6 e fl. 6 verso)

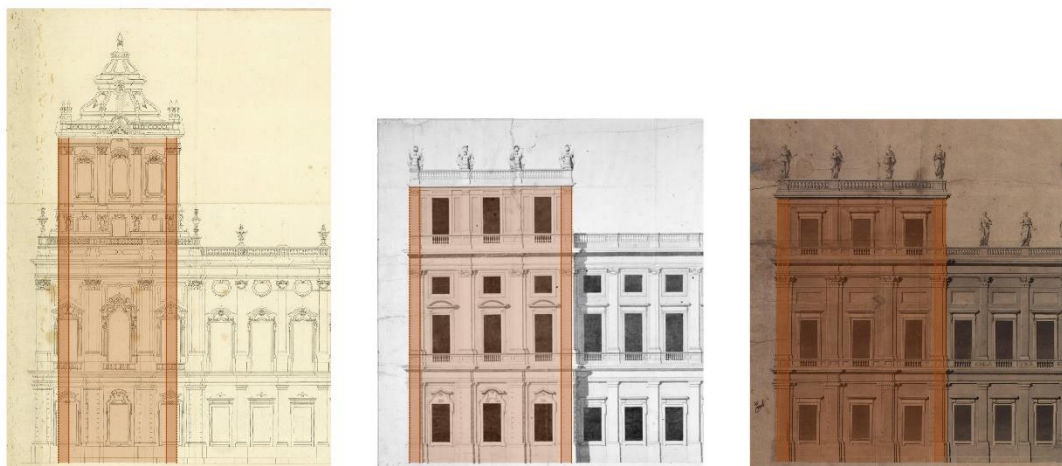


Figura 7. Estudo comparativo, a uma mesma escala, dos volumes dos torreões sudeste e seus arranques ilustrados em excertos de três desenhos:

- a. Proposta barroca para o alçado nascente do Palácio Real da Ajuda, autoria presumível de Manuel Caetano de Sousa, datação presumível de 1795. Fonte: Cortesia da © DGPC/SIPA, cota DES.00053927.
- b. Proposta para o alçado nascente do Palácio Real da Ajuda, autoria atribuída a José da Costa e Silva, 1802. Fonte: Cortesia da © DGPC, número de inventário 51858 DIG, BA.7517 (A,B).
- c. Proposta para o alçado nascente do Palácio Real da Ajuda, autoria desconhecida, sem datação. Fonte: Cortesia da © DGLAB/ANTT, “Imagem cedida pelo ANTT”, Ministério do Reino, Coleção de Plantas do ex-A.H.M.FL., cx. 5269, n.º 42, PT/TT/MR/2/P-5269-42.

Ana Sofia Pinto e Marta Rocha – *O projeto do século XVIII do Palácio Real da Ajuda: dois desenhos de arquitetura* História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1. 2023. 96-114
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1e2



Figura 8. D. João, Príncipe regent de Portugal (future D. João VI), Domingos Sequeira. Óleo sobre tela – 1802 (à esquerda). Pormenor ampliado (à direita).
Fonte: © PNA, inv. 4115.

A altura referida por José da Costa e Silva parece coerente com aquela obtida a partir da análise do alçado encontrado. De acordo com este, da cimalha para cima, os torreões medem cerca de 114 palmos (aproximadamente 25,1 metros), o que perfaz uma diferença de apenas dois palmos (cerca de 44 centímetros) entre o relatado e o desenhado (figura 3). Continuando a atentar-se nestes dois volumes, verifica-se que não existe continuidade estrutural nos torreões entre a sua formulação nos pisos térreo e nobre, e o seu prolongamento a partir da cimalha (figura 7a). Este desalinhamento visual (e construtivo) – que suscita em José da Costa e Silva questões face à solidez do volume –, foi corrigido nas propostas seguintes (figuras 7b e 7c). Ao olhar-se para a obra de pintura datada de 1802, da autoria de Domingos Sequeira (1768-1837) constata-se, por conseguinte, que nesta não poderá estar representado o Palácio Real da Ajuda segundo o projeto original de Manuel Caetano de Sousa (figura 8)²³.

²³ Para além de nesta pintura existir um claro alinhamento ao longo dos três níveis dos torreões é verificável, também, que no momento da entrada marcado na frontaria nascente existem três intercolúnios, ao invés dos cinco propostos por Manuel Caetano de Sousa. Apesar das propostas seguintes encontradas para as frontarias do Palácio Real da Ajuda não contemplarem cúpulas no topo dos torreões, e daquelas que contemplam uma cúpula no alçado nascente sobre a Sala dos Embaixadores o fazerem segundo uma estética distante da utilizada por Domingos Sequeira na sua representação, José de Monterroso Teixeira apresenta, no Volume II da sua tese já mencionada, um esboço de um alçado que parece ser da obra da Ajuda. (Teixeira, 2012: 150). Neste, disponível na Biblioteca Nacional Digital do Brasil em http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1364335/icon1364335.html podem distinguir-se as silhuetas de cúpulas de geometria em tudo semelhante àquela pintada por Domingos Sequeira.

Ana Sofia Pinto e Marta Rocha – *O projeto do século XVIII do Palácio Real da Ajuda: dois desenhos de arquitetura* História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1. 2023. 96-114
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1e2

Mudando de frontaria e passando agora para a análise da proposta barroca para o alçado sul do Palácio Real da Ajuda, de maiores dimensões, José da Costa e Silva afere que este tem de comprimento 1146 palmos (cerca de 247,6 metros). Verifica-se no desenho um comprimento aproximado de 1156 palmos – ou 254,5 metros –, excedendo em dez palmos (cerca de 220 centímetros) a dimensão sugerida (figura 9): uma diferença singela, ainda assim, tendo em conta tratar-se de uma reprodução do alçado original.

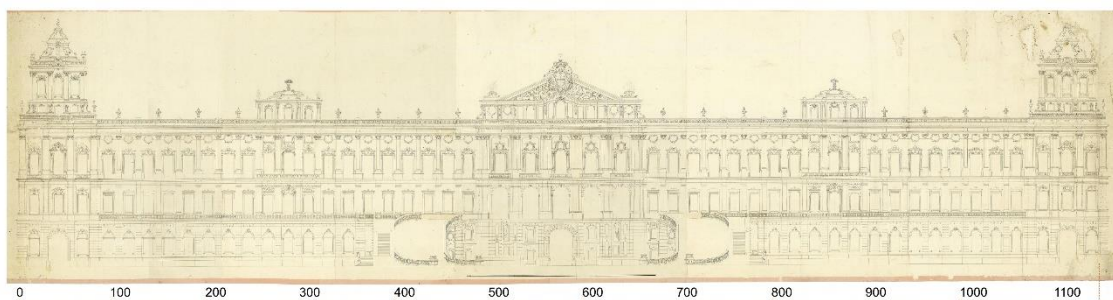
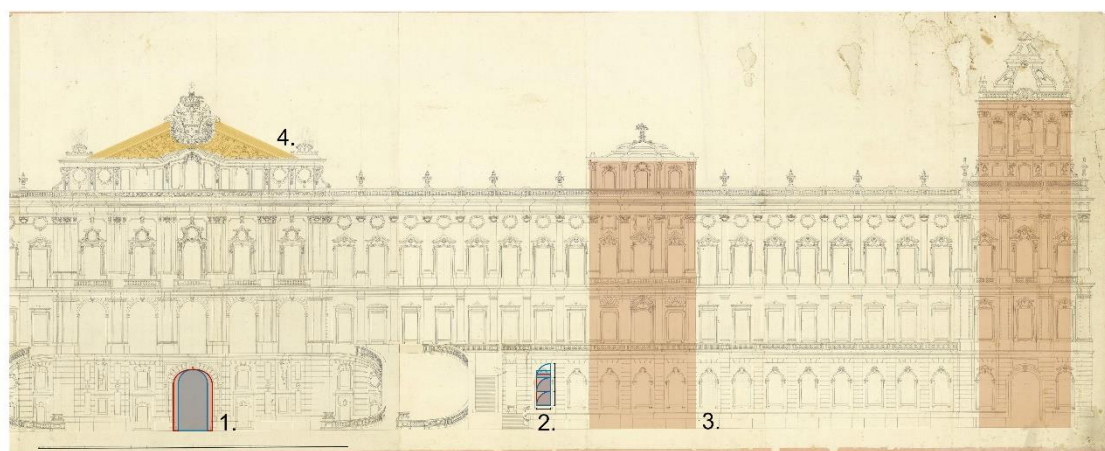


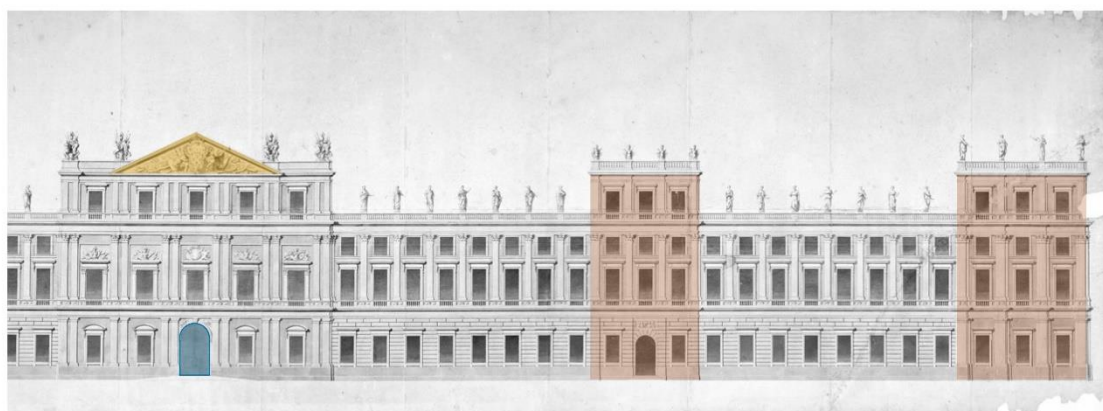
Figura 9. Estudo das dimensões (comprimento em palmos) da proposta barroca para o alçado sul do Palácio Real da Ajuda, com autoria presumível de Manuel Caetano de Sousa e datação presumível de 1795. Fonte: Cortesia da © DGPC/SIPA, cota DES.00053925.

Notando que o edifício aparenta ter três planos neste alçado virado para o Tejo, o arquiteto começa por se referir ao inferior, rusticado:

“He a primeira ordem deste plano terreo hum rustico que tem a altura da rampa feita, para do jardim poder subir ao plano do Palacio. A porta que está no meio deste rustico, se fosse alguma cousa mais estreita, daria commodo a poder se fazer a sua volta em semicirculo, e deste modo ficar mais engraçada. O resto do edificio neste embasamento he todo decorado com pilastras rusticas, e com nichos entre as mesmas pilastras, o que causa alguma monotonia. Os nichos segundo as regras prescritas pelos bons Autores não estão na sua justa e devida proporção, porque deverião ter em altura duas vezes e meia a sua largura. E no nicho grande, que fica no corpo de hum outro torreão, há hum ornato, que corta as pilastras rusticas, o que não he bem feito.” (Costa e Silva, 1802: fl. 7)



a



b

Figura 10. Estudo comparativo, a uma mesma escala, de excertos de dois desenhos:

a. Proposta barroca para o alçado sul do Palácio Real da Ajuda, com autoria presumível de Manuel Caetano de Sousa e datação presumível de 1795. Fonte: Cortesia da © DGPC/SIPA, cota DES.00053925.

b. Proposta para o alçado sul do Palácio Real da Ajuda, com autoria atribuída a José da Costa e Silva, 1802. Fonte: Cortesia da © DGPC, número de inventário 51856 DIG, BA.7518 (A,B,C).

Através do desenho parece conseguir-se aferir, com relativa facilidade, qual a geometria sugerida para a porta central e para os nichos de acordo com a proporção de 1 para 2,5 (figura 10a 1. e 10a 2.). A falta de acuidade gráfica da reprodução utilizada não permite deslindar visualmente, contudo, a questão problemática apontada pelo arquiteto no que concerne o nicho maior de cada torreão. Parece, ainda assim, que a largura destes, ou pelo menos a sua moldura decorativa, ultrapassa os limites verticais impostos pela geometria das pilastras laterais.

Ana Sofia Pinto e Marta Rocha – *O projeto do século XVIII do Palácio Real da Ajuda: dois desenhos de arquitetura* História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1. 2023. 96-114
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1e2

Focando agora o corpo central deste alçado a partir do qual se ingressa no palácio, constata-se existirem, à semelhança do que acontece com a frontaria nascente, cinco intercolúnios. O discurso de José da Costa e Silva, contudo, refere aspetos tridimensionais (“achão-se estas columnas metidas dentro do grosso da parede, como um nicho” (Costa e Silva, 1802: fl. 7)) apenas passíveis de ser devidamente estudados a partir da análise de uma planta, a qual (ou quais), não foi até ao momento localizada. No piso térreo do volume central desta proposta barroca para o alçado sul é, todavia, possível discernir o que parece ser uma utilização conjugada de colunas e meias pilastras, vocabulário formal referido pelo arquiteto. No piso superior, e em continuidade, o diálogo entre colunas e pilastras terá sido substituído por uma conjugação de três colunas, como nota José da Costa e Silva. A partir da bidimensionalidade deste desenho, porém, não é possível comprovar tal existência.

Numa nota positiva, a crítica parece suavizar-se quando ambos os arquitetos concordam com a introdução de volumetrias subtis a meio dos corpos que ladeiam o momento central da entrada. Estas, que se descolam do plano contínuo da fachada, têm por objetivo quebrar a sua monotonia e dialogar com os torreões nos extremos do edifício (figura 10a 3.). Na proposta de José da Costa e Silva para este alçado, e contrariamente à de Manuel Caetano de Sousa, é claramente visível uma correspondência altimétrica entre os torreões e estas duas volumetrias (figura 10b), alinhamento esse igualmente representado na tela de Domingos Sequeira.

Uma vez mais sobre o alçado sul, e a respeito de uma espécie de ático, José da Costa e Silva tece um comentário sobre cimalthas, afirmando que “devem perpetuamente conservar a linha horizontal” (Costa e Silva, 1802: fl. 8). Manuel Caetano de Sousa não partilharia de tal opinião já que a cimaltha que propõe para este ático da Ajuda se apresenta com uma geometria quebrada. Ainda em torno do ático, mas agora comentando o frontão que o encima (figura 10a 4.), considera-se ser o mesmo bem utilizado, ao contrário do que acontecia na proposta barroca para o alçado nascente, onde a conjugação de frontão e terraço é vista como erro crasso de arquitetura. Ainda assim, e apesar de bem empregue, este frontão no alçado sul é uma parte que não parece agradar a José da Costa e Silva por “ser rota no meio, por que assim indica hum tecto roto.” (Costa e Silva, 1802: fl. 8). O termo roto, neste discurso, parece referir-se ao motivo decorativo, aparentemente alusivo à coroa portuguesa, posicionado no vértice superior do frontão. Este quebra, uma vez

Ana Sofia Pinto e Marta Rocha – *O projeto do século XVIII do Palácio Real da Ajuda: dois desenhos de arquitetura* História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n.º 1. 2023. 96-114
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1e2

mais, a pureza da geometria triangular e induz o observador a pensar que o ático possui, também ele, um teto de geometria corrompida (figura 10a 4.).

“Como pelo que me foi imposto, e ordenado, tenho a obrigação de dizer com toda a verdade o que penso a respeito destes desenhos, tão relativos a hum negocio de tão grande importância; (...) parece-me que eu faltaria a esta obrigação, se deixasse de dizer e advertir que não são os muitos ornatos os que fazem bello e elegante hum edificio; mas sim as boas e justas proporções, e as bem pensadas distribuições de todas as suas partes.” (Costa e Silva, 1802: fl. 8 e fl. 8 verso)

Após mais uma condenação daquele que entende como um uso abusivo do ornamento, e um renovado elogio da estética clássica, José da Costa e Silva continua o seu parecer focando-se nas duas plantas que, à época, se fariam acompanhar destes alçados. As mesmas, contudo, encontram-se para já em parte incerta, não permitindo a descrição do arquiteto mais do que a construção de uma ideia relativamente vaga sobre um palácio de três pátios. Ainda assim, e sobre as propostas barrocas para os alçados nascente e sul do Palácio Real da Ajuda recolhidas no SIPA e aqui sinteticamente analisadas, não parecem restar dúvidas de que constituem representações do projeto inicial, e original, da autoria de Manuel Caetano de Sousa, elaboradas possivelmente por volta de 1795.

Bibliografia

ABECASSIS, Maria Isabel Braga (2009), *A Real Barraca. A Residência na Ajuda dos Reis de Portugal após o Terramoto (1756-1794)*, S.I., Tribuna da História – Edição de Livros e Revistas, Unipessoal Lda.

BEIRÃO, Caetano (1956), “O Terramoto de Lisboa de 1755 – Novos Documentos”, *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, Série III, n.º 1, pp. 29-39.

CARVALHO, Ayres de (1979), *Os três arquitectos da Ajuda: do “rocaille” ao neoclássico*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes.

DIAS, Gabriel Palma (1994), “Os Primeiros Projectos Para o Palácio da Ajuda - O Desenho e a Realização de Manoel Caetano de Souza”, in *Encontro dos Alvares do Barroco à Agonia do Rococó*, Lisboa, Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 20 a 23 de junho 1994.

Ana Sofia Pinto e Marta Rocha – *O projeto do século XVIII do Palácio Real da Ajuda: dois desenhos de arquitetura* História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1. 2023. 96-114
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1e2

PINHEIRO, Susana Marta Delgado, (1989), *Manuel Caetano de Sousa*, Dissertação de Mestrado em História da Arte, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

TEIXEIRA, José Monterroso, (2012), *José da Costa e Silva (1747-1819), e a receção do neoclassicismo em Portugal: a clivagem de discurso e a prática arquitetónica. Volume I e Volume II*, Tese de Doutoramento em História, Lisboa, Universidade Autónoma de Lisboa.

Manuscritos

COSTA E SILVA, José e FABRI, Francisco Xavier (1802), *Pareceres dos Arquitectos Francisco Fabri e José da Costa e Silva*. Manuscrito patente na Academia de Ciências de Lisboa, manuscrito vermelho n.º 484.